

Português

BEM-VINDO

ao Museu de História Natural
da Universidade de Oxford



Museum of
**Natural
History**



Introdução

O Museu de História Natural da Universidade de Oxford, fundado no século XIX para servir como o núcleo da atividade científica na Universidade de Oxford, conta com espécimes e coleções verdadeiramente memoráveis e é, atualmente, um lugar vibrante, acolhedor e espetacular para visitar.

Assim que você pisar no pátio central do Museu de História Natural, perceberá que está em um lugar especial. Ele se apresenta de maneira grandiosa, com altas colunas de ferro e uma abóbada de vidro, e íntima, com claustros e uma galeria superior em torno da praça.

Inaugurado em 1860, quando ainda era conhecido apenas como o Museu da Universidade, o edifício reuniu pesquisas científicas de toda a Universidade de Oxford. Atualmente, o premiado museu continua a ser um local de grande atividade científica, o que inclui coletas e trabalho de campo, além de ser um estabelecimento com ampla programação de eventos, exposições e atividades para o público em geral e estudantes de todas as idades.

Os destaques da coleção incluem o primeiro dinossauro descoberto cientificamente no mundo, o *Megalosaurus bucklandii*, e o famoso Dodó de Oxford, representando os únicos vestígios de tecido mole do extinto dodó.

O Museu faz parte do conjunto de jardins, bibliotecas e museus da Universidade de Oxford e localiza-se próximo do Ashmolean Museum, da Biblioteca Bodleiana e do Pitt Rivers Museum, entre outros. Aliás, o Pitt Rivers Museum de antropologia e arqueologia é anexo ao edifício do Museu de História Natural, assim, você pode visitar ambos os museus em um único passeio.

Aproveite a visita!





O Dodó de Oxford

O Dodó de Oxford é o espécime mais significativo do Museu. Trata-se do fóssil mais completo de um dodó em todo o mundo e inclui vestígios de tecido da cabeça e da pata.

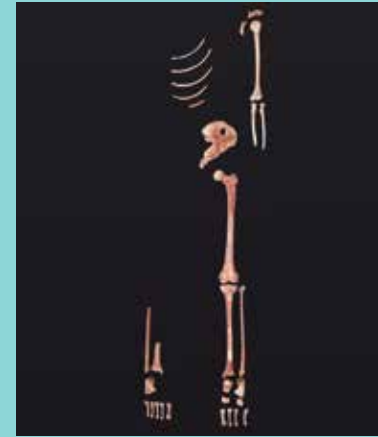
O dodó, descoberto pelos europeus no final do século XVI nas Ilhas Maurício, no Oceano Índico, era uma ave não voadora. Em 1680, a ave já havia sido extinta, provavelmente devido à chegada de predadores, como cães, gatos e porcos, à ilha, trazidos pelos colonos europeus.

O Museu também tem duas das mais famosas pinturas de dodós: uma cópia do colorido retrato de 1758 de George Edwards e a imagem de Jan Savery, de 1651, de um dodó mais gordo. Hoje em dia, acredita-se que os dodós tenham sido mais esguios do que costumava ser retratado.



Megalossauro e os dinossauros de Oxfordshire

Quando pensa em dinossauros, você provavelmente não pensa em Oxfordshire. Mas alguns dos primeiros dinossauros foram descobertos aqui, e o Museu tem uma das mais importantes coleções de dinossauros Jurássicos do mundo. A peça mais importante é um dinossauro carnívoro de 9 metros de altura chamado *Megalossauro*, encontrado na vila de Stonesfield, próximo de Oxford. Seu nome foi dado por William Buckland, em 1824, o primeiro Professor Leitor de Geologia da Universidade de Oxford. Por isso ele é o primeiro dinossauro descrito cientificamente do mundo.



A “Senhora Vermelha” de Paviland

A “Senhora Vermelha” de Paviland é um esqueleto humano parcial que foi encontrado em uma caverna na Península de Gower em Gales, em 1823. Os ossos estavam tingidos de vermelho com ocre e estavam acompanhados de artefatos feitos de marfim e ossos. A presença dos adornos de marfim levaram William Buckland a acreditar que os vestígios fossem de uma mulher.

A ossada é de fato de uma mulher jovem, e a datação por radiocarbono mais recente indica que remonta há cerca de 34.000 anos, o que faz deste o sepultamento cerimonial mais antigo de que se tem conhecimento de um humano com anatomia moderna em toda a Europa Ocidental. O material exposto é feito de moldes dos ossos originais, os quais são muito frágeis para ficarem expostos permanentemente.



Desfile de Esqueletos

O desfile de esqueletos no pátio principal é uma das exposições mais fotografadas do Museu. Ele revela um pouco da diversidade das adaptações evolutivas de esqueletos de mamíferos grandes, desde o pescoço longo da girafa até os membros fortes porém esguios do cavalo. O estudo das diferenças nos corpos de animais relacionados é chamado de anatomia comparada. No desfile de esqueletos, você pode comparar os diferentes crânios, chifres, cornos, dentes e membros para ver como a evolução moldou cada parte dos esqueletos para alcançar melhor velocidade, capacidade de defesa, caça e alimentação.



Esqueletos de Baleia

Um museu de história natural não ficaria completo sem esqueletos de baleia suspensos do teto. Os cetáceos – baleias, golfinhos e toninhas – são mamíferos marinhos e são alguns dos maiores animais do mundo.

Muitos dos esqueletos de baleia do Museu foram adquiridos pouco depois de sua inauguração, em 1860; nessa época, zoólogos de todo o mundo viajavam apenas para vê-los.

O esqueleto da Orca, ou Baleia Assassina, é de um animal capturado no Canal de Bristol em 1872. O Golfinho Nariz-de-garrafa foi capturado próximo de Holyhead em 1868, e William Henry Flower, o segundo diretor do Museu de História Natural de Londres, desenhou o animal.

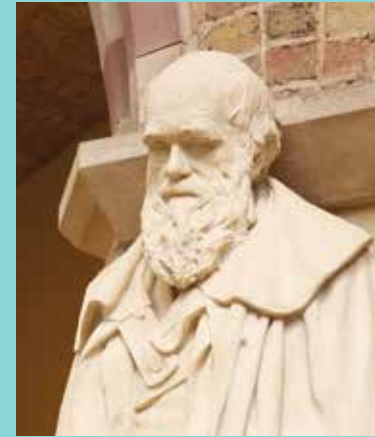


Parede de Trilobite

Esta placa de arenito foi retirada de pedras da Província de Tinghir, no Marrocos. Ela tem 450 milhões de anos e é uma fantástica aglomeração natural, com três diferentes tipos de trilobite – *Selenopeltis*, *Calymenella* e *Dalmanitina* – e estrelas quebradiças.

Todos esses animais viviam no leito de um oceano antigo, próximo do supercontinente de Gondwana, ao sul. A armadura espinhosa do *Selenopeltis* provavelmente evoluiu para protegê-lo de predadores grandes, inclusive os peixes, que já existiam.

Os vestígios foram aglomerados após a morte dos animais, provavelmente pelas correntes marítimas.



Charles Darwin e o Grande Debate

Em 30 de junho de 1860, o “Grande Debate” sobre a Teoria da Evolução de Charles Darwin foi realizado no Museu recém-inaugurado. O debate envolveu Thomas Henry Huxley, apelidado de “Buldogue de Darwin”, e Samuel Wilberforce, o Bispo de Oxford. Apenas 7 meses após a publicação de *A Origem das Espécies* de Darwin, os homens discutiram a nova teoria altamente contestada proposta pelo trabalho de Darwin.

Atualmente, considera-se que a teoria de Charles Darwin é fundamental para a compreensão do mundo natural. A estátua de Darwin, no pátio do Museu, foi esculpida por Henry Hope Pinker e inaugurada em 14 de junho de 1899.



Meteorito de Nantan

Este meteorito de níquel e ferro é o item mais antigo que você verá e tocará no Museu. Com mais de 4,5 bilhões de anos de idade, o meteorito é tão antigo quanto a Terra e mais antigo que qualquer pedra terrestre. Ele veio do cinturão de asteroides, detritos planetários rochosos que orbitam o Sol entre Marte e Júpiter. O meteorito foi encontrado em 1958, próximo da cidade de Nantan em Guangxi, na China. Acredita-se que as brilhantes e rodopiantes estrelas cadentes registradas no ano de 1516 traziam o meteorito de Nantan, que foi descoberto 400 anos depois.



Ictiossauro de Mary Anning

Este pequeno réptil em formato de peixe, chamado de ictiossauro, foi descoberto em 1835 pela famosa paleontóloga, Mary Anning. Ele está tão bem preservado que é possível ver ossos de peixes e escamas de sua última refeição dentro de sua caixa torácica.

Mary Anning residiu e trabalhou na cidade costeira inglesa de Lyme Regis, onde descobria e vendia fósseis. Ela fez muitas descobertas importantes nas rochas jurássicas desse lugar, incluindo os primeiros esqueletos de plesiossauro e ictiossauro do mundo. Essas descobertas revolucionaram nossa compreensão da história da vida na Terra, inclusive as ideias sobre a extinção, o que abriu caminho para a teoria da evolução.



Colmeia

A estrutura interna de uma colmeia é revelada no expositor de vidro do Museu. Você poderá ver a rainha colocar ovos, com a ajuda constante de sua prole. Dentro das células, ficam as larvas, que se alimentam da geleia produzida pelas abelhas operárias, entregue pelas abelhas enfermeiras. Conforme envelhecem, as abelhas vão realizando diferentes trabalhos, como produzir cera, carregar água e proteger a colmeia. As abelhas mais velhas saem para forragear e podem ser vistas dançando em forma de oito, um movimento especial que indica para suas irmãs abelhas onde está a melhor fonte de alimento.



Milhafre-real

A proteção de Milhafres-reais no Reino Unido é uma das histórias de conservação mais bem sucedidas do século XX. Milhafres-reais foram caçados quase até a extinção no Reino Unido. Acredita-se que a população de milhafres-reais diminuiu para apenas cinco pares.

Graças à proteção dos ninhos, à gestão para conservação das fazendas e à reintrodução das populações europeias, em 2016, houve uma estimativa de 1600 pares de cruza. Os esforços de conservação foram tão bem sucedidos nas Colinas de Chiltern que milhafres jovens da região foram transferidos para povoar outras regiões do Reino Unido.



Pedras Preciosas

O Museu tem uma bela coleção de pedras preciosas cortadas de minerais que são lindos, duráveis e raros. Algumas delas, como o rubi e a esmeralda, têm cor intensa e transparência perfeita, enquanto outras têm efeitos ópticos incomuns, como o jogo de cores na opala preciosa ou o "fogo" iridescente dos diamantes recortados.

A exposição conta com cristais naturais, pedras multifacetadas e pedras esculpidas de todos os tipos mais conhecidos, bem como tipos incomuns raros nas joalherias. Temos predileção por pedras esculpidas de animais; quantas você consegue identificar?

As Coleções do Museu



Os itens expostos no pátio do Museu são apenas uma pequena amostra da coleção. O Museu tem mais de 7 milhões de espécimes históricos e modernos do mundo natural. Entre eles, há 5 milhões de insetos, 500 mil fósseis, pedras e minerais e mais de 250 mil espécimes zoológicos. Há também uma biblioteca com cerca de 20 mil livros e um arquivo com aproximadamente 500 mil manuscritos.

A base da coleção de história natural da Universidade de Oxford foi o material reunido por Elias Ashmole no século XVII, que incluía muitos espécimes coletados pelos Tradescant, pai e filho paisagistas da realeza e nobreza.

Desde 1683, essas coleções, entre outras, ficavam no edifício original do Ashmolean Museum, na Broad Street, em Oxford, atualmente o Museu de História da Ciência. Em 1860, quando o Museu de História Natural foi inaugurado como o Museu da Universidade, os espécimes de história natural foram trazidos para cá.

As coleções atuais incluem espécimes de grande importância, como o mais antigo inseto alfinetado do mundo e o primeiro dinossauro descrito cientificamente, o *Megalosaurus*.

Atualmente, o Museu é um centro de ensino, pesquisa e exposição, e todo o material que mantém possui importância nacional e internacional. As coleções continuam a crescer e são usadas por diversos tipos de pessoas, como estudantes universitários e em idade escolar, artistas, acadêmicos, voluntários e funcionários da Universidade.



Coleções da Terra

As Coleções da Terra têm espécimes de todas as Ciências da Terra, incluindo pedras, minerais, fósseis, rochas usadas na construção, pedras preciosas e meteoritos.

Coleções do Arquivo e da Biblioteca

O Arquivo e a Biblioteca reúnem uma coleção extraordinária de livros de história natural, jornais e arquivos voltados para assuntos relativos às coleções e pesquisas do Museu.

Coleções da Vida

As Coleções da Vida apresentam significativas amostras de insetos, aracnídeos, crustáceos, pássaros e mamíferos de todo o mundo.





A Arquitetura do Museu

A construção do Museu foi importante para o desenvolvimento da arquitetura do século XIX, a história da Universidade de Oxford e para o estudo e a introdução da ciência na Inglaterra.



Na época de sua inauguração, em 1860, o edifício do Museu era tão espetacular quanto é hoje. Sua existência se deve principalmente à visão e determinação de um homem, Henry Acland. Em 1845, Acland foi nomeado Professor Leitor de Anatomia na faculdade de Christ Church em Oxford, onde trabalhou no Museu de Anatomia. Ele iniciou uma campanha para a criação de um novo museu para hospedar as instalações de pesquisa e ensino e para reunir as coleções que estavam, à época, espalhadas pela Universidade.



Um exemplo notável da arquitetura neogótica vitoriana, o estilo do edifício foi altamente influenciado pelas ideias do crítico de arte do século XIX, e amigo de Acland, John Ruskin. Ruskin acreditava que a arquitetura devia ser moldada pelas energias do mundo natural e, graças ao seu contato com diversos célebres artistas pré-rafaelitas, o design e a decoração do museu são, hoje, um grande exemplo da visão pré-rafaelita da ciência e da arte.

O design do edifício passou por uma concorrência aberta, na qual foram oferecidos prêmios para as três melhores propostas com orçamentos de até £30.000. Dos 32 esquemas recebidos, o de Acland venceu o da Deane and Woodward, a equipe de arquitetura que havia criado o Museu do Trinity College em Dublin, em 1853. O edifício do Trinity College também foi influenciado pelas ideias de Ruskin, especialmente em relação à decoração e ao uso de materiais. Benjamin Woodward foi o principal designer da Deane and Woodward e foi o grande responsável pelo design e pela construção do edifício do Museu.

Em sua inauguração, em 1860, o Museu reuniu praticamente todos os estudos científicos que estavam sendo realizados na Universidade de Oxford no momento.



Vidro e ferro

O aspecto mais surpreendente do edifício é, possivelmente, o telhado de vidro e ferro do pátio principal. O uso de vidro e ferro fundido em galerias e estufas era bastante comum desde meados da década de 1840, com destaque para o Palácio de Cristal de 1851. A característica inovadora do Museu foi o uso de ferro estrutural, mas, infelizmente, o primeiro design do telhado, que usava principalmente ferro forjado, demonstrou-se desastrosos: a estrutura foi incapaz de suportar seu próprio peso e precisou ser retirada antes do término da instalação.

A segunda versão foi produzida por E. A. Skidmore, um ferreiro experiente que trabalhou junto com Woodward no desenvolvimento do primeiro design. As colunas de ferro fundido de Skidmore são ornamentadas com trabalhos em ferro forjado nos tímpanos dos arcos, representando galhos de espécies de árvores, como plátanos, nozeiras e palmeiras.



Colunas, capitéis e mísulas

126 colunas planejadas por John Phillips, o primeiro diretor do Museu, ocupam o perímetro do pátio. Cada coluna é feita de diferentes pedras decorativas britânicas e é etiquetada com o nome e a origem da pedra. Os capitéis e as mísulas têm entalhes de plantas que representam todas as ordens botânicas.

A maioria dos capitéis foram entalhados pelos irmãos irlandeses, James e John O'Shea, e seu sobrinho, Edward Whelan. Os três eram canteiros excepcionalmente talentosos e produziram obras da mais alta qualidade, muitas vezes inspiradas em plantas trazidas do Jardim Botânico de Oxford.

Grandes homens e uma grande mulher

Ao redor do pátio, 19 estátuas de grandes homens da ciência, como Aristóteles, Galileu, Isaac Newton, Charles Darwin e Lineu, se destacam em frente aos pilares. Há também vários bustos de cientistas associados ao Museu, como John Phillips, Henry Acland e William Buckland. Em 2012, depois de 100 anos, surgiu um busto novo: uma imagem de Dorothy Hodgkin, vencedora do Prêmio Nobel de Química em 1964 por seu trabalho em cristalografia. Hodgkin realizou a pesquisa revolucionária neste Museu durante a segunda metade do século XX.



O Grande Debate

Em 30 de junho de 1860, o Museu foi o local de um combate ideológico que ficou conhecido como o Grande Debate.

Mesmo antes de as coleções serem totalmente instaladas ou a decoração concluída, a Associação Britânica para o Avanço da Ciência realizou seu 30º encontro anual para marcar a inauguração do edifício, conhecido, na época, como o Museu da Universidade. Neste evento, Samuel Wilberforce, Bispo de Oxford, e Thomas Huxley, um biólogo de Londres, participaram de um debate acalorado sobre uma das ideias mais controversas do século XIX: a teoria da evolução por seleção natural de Charles Darwin.

O livro *A Origem das Espécies* de Darwin havia sido publicado no mês de novembro do mesmo ano, por isso, suas ideias ainda eram muito novas. A palestra e a discussão sobre o assunto foram realizadas no que era, na época, a Biblioteca de Radcliffe, no primeiro andar do Museu. Embora ninguém tenha registrado o que foi dito em frente ao barulhento público de quase 500 pessoas, sabe-se que o que ocorreu foi um intenso embate intelectual entre Wilberforce e Huxley.

Huxley era um jovem cientista brilhante que estudou fósseis invertebrados, macacos e humanos. Por ter sido um dos colegas mais íntimos de Darwin (era conhecido como o buldogue de Darwin), Huxley era uma das poucas pessoas que conhecia as ideias apresentadas em *A Origem das Espécies* antes mesmo de sua publicação.



Como Bispo de Oxford, Samuel Wilberforce atingiu o auge de sua bem sucedida carreira na Igreja. Conhecido por suas falas eloquentes e influentes, Wilberforce também formou-se com distinção em matemática e era Membro da Sociedade Real. Durante o debate, fazendo total uso de seu conhecimento teológico, ele defendeu a ideia da criação bíblica, refutando a imagem da evolução por seleção natural de Darwin.

Em um determinado momento do debate, Wilberforce zombou de Huxley ao mencionar sua possível descendência de um macaco, ao qual, supostamente, Huxley respondeu: “Então se perguntas a mim se eu preferiria ter como avô um miserável macaco ou um homem talentoso por natureza e de posse de grandes mecanismos de influência mas que, ainda assim, emprega esses recursos e essa influência para o simples propósito de levar o ridículo para uma discussão científica de suma importância, eu afirmo, sem hesitar, minha preferência pelo macaco.”

Este “Grande Debate” foi um sensacional evento que ocorreu no início da história do Museu e marcou um momento muito importante no desenvolvimento da ciência evolutiva.



Informações ao visitante

Horário de funcionamento

Aberto diariamente de 10h às 17h. Entrada gratuita.

Verifique os horários de funcionamento durante o Natal no site: www.oum.ox.ac.uk.

Visitas em grupo: grupos grandes e escolas devem pré-agendar a visita pelo telefone 01865 282 451 ou por e-mail education@oum.ox.ac.uk.

Cafeteria do Museu

Durante todo o dia, desfrute de lanches e bebidas na cafeteria do Museu, enquanto observa os dinossauros.

Loja

A Loja do Museu tem uma ampla variedade de produtos, incluindo fósseis, minerais, livros e revistas, brinquedos, joias, cartões postais e presentes do Museu.

Rede Wi-Fi pública gratuita

Para acessar a rede Wi-Fi, faça login na rede Museums-Public e siga as instruções.

Acessibilidade

Todos os andares do Museu podem ser acessados por cadeiras de rodas, e as vagas de estacionamento para deficientes são gratuitas. Não há outras vagas de estacionamento disponíveis no local.

Localização

O Museu fica a cerca de 10 minutos de caminhada ao norte do centro de Oxford e a cerca de 15 minutos da estação de trem de Oxford.

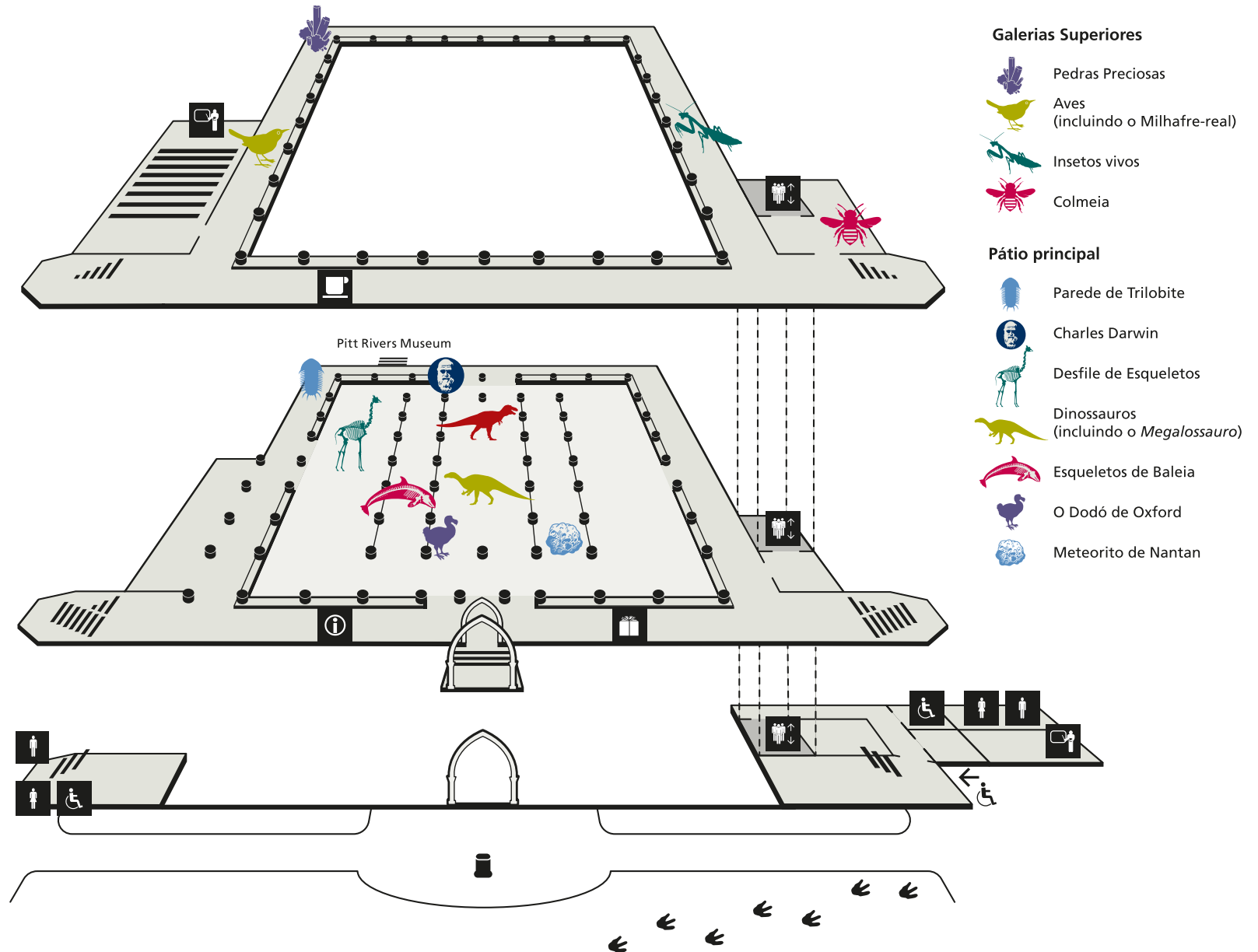
Alugue o Museu

O Museu e o Salão de Palestras de 300 lugares estão disponíveis para eventos particulares, como casamentos, jantares e conferências: venue@oum.ox.ac.uk

Contribua

Contribua com o trabalho constante do Museu fazendo uma doação na caixa de doações próximo da Recepção. Obrigado.

Planta do Museu



Oxford University Museum of Natural History
Parks Road, Oxford, OX1 3PW

www.oum.ox.ac.uk



@morethanadodo

Blog do Museu: morethanadodo.com

